

O CURRÍCULO DA TE-ARTE: UMA PEDAGOGIA ORGÂNICA CENTRADA NO BRINCAR

Rozana Machado Bandeira de Melo (CEDU/UFAL)¹

RESUMO: *Atualmente, existem várias indagações a respeito do currículo enquanto instrumento pedagógico nas instituições de educação infantil, ao passo que, através dele, é feita a seleção de conhecimentos e práticas que serão abordadas. Porém, algumas instituições fogem da regra. É o caso da Te-Arte, que não tem um currículo previamente estabelecido e as atividades são aplicadas sem que haja uma compartimentação dos temas a serem trabalhados. Assim, é por tal motivo que se apresentam, neste trabalho, algumas concepções de currículo, discutindo-as de uma forma mais reflexiva com o intuito de debater questões pertinentes à vida cotidiana das crianças.*

PALAVRAS-CHAVES: *Currículo. Crianças. Te-Arte.*

1. Introdução

O currículo é um instrumento pedagógico de alta importância. Através dele a escola promove uma estratégia dinâmica que leva à reflexão e ao questionamento; faz com que a escola mostre sua identidade social e cultural; traz também, para o espaço institucional, a realidade em que as crianças vivem.

Nos últimos anos, vários debates têm sido desenvolvidos em torno desta questão e são estendidos em razão da ampliação do ensino fundamental e, principalmente, quando se trata de uma escola a exemplo da Te-Arte². Trata-se de um tipo de instituição de educação infantil que foge à regra, ou seja, que trabalha com uma pedagogia totalmente diferente das instituições escolares, com recursos que têm por base principal a atividade lúdica e o contato com a natureza.

Na Te-Arte, o processo de socialização e aprendizagem é construído de maneira natural. Não há atividades prefixadas e não se obriga a criança a sentar na carteira durante horas para assistir às aulas. Os “conteúdos” são selecionados de forma que envolvam natureza, trabalho, arte e, principalmente brincadeiras, mostrando um tipo de pedagogia e

¹ Pedagoga (CESMAC). Especialista em Psicologia Educacional (PUC-MG) e em Psicopedagogia (UFAL). Aluna do curso de Especialização em Formação de Professores em Mídias na Educação (UFAL). Mestranda em Educação (UFAL). Contato: rmbmelo@ig.com.br.

² Te-arte é um tipo de “escola-quintal”, onde o que fundamenta a prática é a relação entre trabalho criada pela professora Therezita em 1975 no Estado do Espírito Santo.

educação que está mais voltada para desenvolver a inteligência prática e emocional da criança. O currículo deve estar de acordo com a realidade sócio-cultural das crianças.

Sendo assim, a proposta deste trabalho é discutir acerca do tipo de currículo na Te-Arte, uma vez que esta foge totalmente dos padrões da educação mais tradicional na atual sociedade, pois se concentra também na relação entre arte e atividade lúdica. Dessa forma, apresentam-se inicialmente conceitos, discutindo o assunto através de uma reflexão crítica que pode ser construído e levado em sala de aula para que o aluno trabalhe, critique e contextualize os temas.

Ao final do trabalho, são levantadas algumas considerações sobre o que foi discutido, especialmente no que se refere à pedagogia da Te-Arte e, mais precisamente, sobre o tipo de currículo nesta escola, a forma como ele é trabalhado junto às crianças e aos adultos.

2. A Concepção de Currículo

Atualmente, currículo é um tema bastante debatido no âmbito da educação e das instituições escolares. Em especial, os currículos da Escola Te-Arte têm chamado a atenção dos especialistas da área, pois sua pedagogia difere completamente das escolas de caráter mais tradicional, uma vez que seu trabalho se volta para a interação entre adultos e crianças e os conteúdos relacionam natureza, arte, trabalho e atividades lúdicas.

Porém, antes de discutir acerca do currículo na Te-Arte, é necessário empreender uma discussão a respeito do conceito de currículo bem como de função e características que possui, visto que se trata de um instrumento de alta importância para dar viabilidade ao processo educativo. Portanto, antes de qualquer referência ao assunto, deve-se estudar sua concepção e sua importância para a construção do conhecimento.

Arroyo (2008) afirma que as instituições escolares, atualmente, levam os profissionais da educação a tomarem uma postura crítica sobre a prática educativa na sala de aula e as concepções que serão responsáveis por orientar suas escolhas. Tal postura leva estes profissionais e indagarem, tanto sobre a forma quanto sobre a elaboração do currículo, para que seja refletido nele a identidade³ em que o aluno vive.

Dessa forma, como se pode observar, novas posturas são exigidas tanto do professor quanto da escola, o que leva a diversas discussões em torno deste problema que faz a autora

³ Neste caso identidade neste trabalho refere-se à identidade cultural e social do aluno circunscrita no ambiente em que ele vive e da qual a escola deve ter consciência da necessidade de se adequar a ela

elaborar a seguinte pergunta: “Quais as indagações sobre o currículo vêm dessa nova identidade profissional?”. Sendo assim, de formas diversas e em tempos diversos, essas indagações têm uma tendência de sempre surgirem em encontros coletivos entre professores e profissionais da área da educação ou em estudos e congressos de educadores.

Todos os esforços vêm sendo feitos por parte dos profissionais da área da educação, nos últimos anos, no que se refere à organização dos currículos das escolas. Percebe-se que a organização curricular afeta a organização tanto do trabalho dos educadores quanto do trabalho dos educandos, conforme se pode observar na afirmação abaixo transcrita:

O currículo, os conteúdos, seu ordenamento e sequenciação, suas hierarquias e cargas horárias são o núcleo fundante e estruturante do cotidiano das escolas, dos tempos e espaços, das relações entre educadores e educandos, da diversificação que se estabelece entre os professores. (ARROYO, 2008, p.18)

Ante o exposto, percebe-se que o currículo é um instrumento utilizado pelos profissionais da área da educação para estruturar as bases de seu trabalho educacional. As formas com as quais os professores trabalham, a sua autonomia ou ausência de autonomia, bem como as cargas horárias, dependem ou estão condicionadas às determinações em que se estruturam os conhecimentos, os conteúdos, as matérias e as disciplinas dos currículos.

Seguindo esta mesma linha de raciocínio, Apple (1989) afirma que há uma conexão entre as práticas pedagógicas e curriculares dentro da escola. O autor também é um dos defensores da idéia de que as escolas não atuam, simplesmente, com mecanismos de distribuição dos currículos ocultos e de distribuição das pessoas pelos lugares mais “apropriados”; pelo contrário, elas são elementos importantes no modo de produção de mercadoria na sociedade, tal qual afirma Bourdieu, em *Capital Cultural*⁴, que a escola atende aos interesses do capital, mais precisamente dos grupos dominantes.

A respeito deste assunto, apresenta-se abaixo o seguinte comentário:

O foco sobre a produção de conhecimento técnico permite-nos ver como as escolas ajudam a manter uma distinção que está no centro da divisão social do trabalho – a distinção entre trabalho mental e manual. Aqueles estudantes que são identificados como sendo capazes de produzir – através de seu trabalho excedente posterior – importante conhecimento técnico/administrativo são progressivamente “colocados” no lado “mental” dessa dicotomia. (APPLE, 1989, p.66)

⁴ BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.). **Escritos de educação**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

Diante de tal afirmativa, pode-se afirmar que estas operações somente podem acontecer através do programa curricular, bem como das atividades de orientação educacional que as escolas desenvolvem. Isto significa afirmar que aqueles que rejeitam, ou então são rejeitados, em razão do cálculo de valores mostrados acima são “colocados” outra vez nos programas curriculares e da orientação educacional da escola de maneira tal que, posteriormente, isto seja extraído do trabalho excedente através da forma de serviço ou trabalho manual.

Pode-se observar claramente que, para o autor, deveria existir cuidado para não supor a existência de uma correspondência entre as necessidades das empresas, em termos de capital cultural (a ideologia) de seus trabalhadores, com o que acontece na escola, ou seja, com o que está presente. Porém, é necessário frisar que os estudantes são estratificados com base nos desajustamentos produzidos pela função produtiva do sistema educacional. Mas isto não significa afirmar que “as camadas inferiores” destes estudantes recebam um currículo oculto, cujas escolas simplesmente os preparam para ocupar e aceitar seus lugares nos degraus mais baixos da escola ocupacional.

Apple (1989) mostra-nos esta definição da função da escola e da utilização do currículo como um instrumento a serviço dos interesses da ordem social. “Tanto a forma quanto o conteúdo do *corpus* formal de conhecimento escolar e o currículo oculto ajudam a criar as condições para a reprodução cultural e econômica das relações de classe em nossa sociedade” (APPLE, 1989, p. 84). Neste sentido, o autor refere-se ao currículo oculto, cujo modelo é claramente determinista e que tem seu foco centrado exclusivamente na reprodução social.

Para o referido autor, este tipo de educação é prejudicial na medida em que visa somente à reprodução social, excluindo o que ocorre na sociedade, com relação à realidade social na qual o aluno vive, o que é extremamente nocivo, pois o aliena diante da sua sociedade. Porém, o referido autor reconhece que há falhas quando se observa apenas a escola como um simples mecanismo de reprodução social.

Desse modo, para entender tudo o que foi explanado até o momento, é preciso voltar, inicialmente, a uma definição de currículo bem mais elaborada em termos pedagógicos, e não através de uma visão mais social como dada até o momento por Apple (1989). Moreira e Candau (2008) afirmam que a palavra currículo está relacionada às diversas formas de como a educação foi vista ao longo da história e às influências teóricas que a afetaram e se fizeram hegemônicas em um dado momento, como se pode ver através de Apple.

De acordo com Moreira e Candau (2008, p.18), são os diferentes fatores socioeconômicos, políticos e culturais que contribuem para que o currículo seja entendido como:

- Os conteúdos a serem ensinados e aprendidos;
- As experiências de aprendizagem escolar serem vividas pelos alunos;
- Os planos pedagógicos elaborados por professores, escolas e sistemas educacionais;
- Os objetivos a serem alcançados por meio do processo de ensino;
- Os processos de avaliação que terminam por influir nos conteúdos e nos procedimentos selecionados nos diferentes graus da escolarização.

Entretanto, vale frisar que nenhuma das concepções propostas pelos mais diferentes autores, através das mais diferentes visões como certa ou errada, pois nelas refletem variados posicionamentos, compromissos e pontos de vista teóricos. Sendo assim, pode-se afirmar que as discussões, a respeito de currículo, levam em conta, em maior ou menor grau, os conhecimentos escolares e também os procedimentos e as relações sociais que compreendem o cenário no qual se ensina e se aprende sobre as identidades a serem construídas.

De acordo com Silva (1999), as discussões sobre conhecimento, verdade, poder e identidade marcam, de forma bastante invariável, os debates em torno das questões curriculares. Desse modo, diante do exposto, tentou-se empreender uma análise que procurasse resumir os aspectos mais relevantes nos currículos, a exemplo das experiências que se desdobram em torno do conhecimento e das relações sociais, e que contribuem para a formação das identidades dos alunos.

Sendo assim, para Moreira e Candau (2008, p.18), uma definição geral para currículo seria a de que:

Currículo associa-se, assim, ao conjunto de esforços pedagógicos desenvolvidos com intenções educativas. Por este motivo, a palavra tem sido usada para todo e qualquer espaço organizado para afetar e educar pessoas, o que explica o uso de expressões como o currículo da mídia, o currículo da prisão, etc.. Nós, contudo, estamos empregando a palavra currículo apenas para nos referirmos às atividades organizadas por instituições escolares.

É bom lembrar que o currículo tem sido também utilizado para indicar efeitos alcançados na escola, os quais não se encontram explicitados nos planos e nas propostas, não sendo, por isso, claramente percebidos pela comunidade escolar. Trata-se do chamado currículo oculto que se caracteriza por predominar atitudes e valores transmitidos de forma sublimar através das relações sociais, bem como pelas rotinas do cotidiano escolar, o qual já

foi discutido anteriormente através das afirmações de Apple (1989), baseadas nos pressupostos teóricos de Pierre Bourdieu.

A respeito do currículo oculto, Moreira e Candau (2008, p.18) afirmam que:

Fazem parte do chamado currículo oculto, assim, rituais e práticas, relações hierárquicas, regras e procedimentos, modos de organizar o espaço e o tempo na escola, modos de distribuir os alunos por grupamentos e turmas, mensagens implícitas nas falas dos (as) professores (as) e nos livros didáticos. São exemplos de currículo oculto: a forma como a escola incentiva a criança a chamar a professora (tia Fulana, professora etc.); a maneira como arrumamos as carteiras na sala de aula (em círculo ou alinhadas); as visões de família que ainda se encontram em certos livros didáticos (restritas ou não à família tradicional de classe média).

Assim, julga-se importante destacar as principais concepções de currículo que foram adotadas neste trabalho para observar sua importância com relação ao processo educativo, pois é através dos currículos que se sistematizam os esforços pedagógicos, como um dos mecanismos fundamentais para a construção do processo de ensino aprendizagem. Em razão disto, é que existe a necessidade de ser planejado e desenvolvido tanto o currículo oculto quanto o formalmente planejado.

Diante destas reflexões, apresentam-se as discussões sobre os documentos oficiais que dispõem acerca do currículo na Educação Infantil, dentre os quais se destacam a LDB/96 (Lei de diretrizes e Bases da Educação), as Diretrizes Curriculares Nacionais, as Propostas Curriculares Estaduais e Municipais. Nestes documentos são encontradas as bases fundamentais para o desenvolvimento do trabalho do educador e também direcionamentos curriculares.

A LDB/96, em seu art. 23, fornece uma organização diversificada das escolas em séries, ciclos etc., tendo como critério base os processos de formação e aprendizagem. Como se pode observar, esta flexibilidade para as formas de organização escolar acaba levando a equipe pedagógica da escola a repensar as formas de organização curricular. Outro documento importante sobre este aspecto é a Convenção Mundial sobre os Direitos da Infância que influenciam teorias que tratam da formação mental, ética, cultural e identitária.

Estes posicionamentos dos documentos oficiais, que dispõem sobre o direito da criança e as formas como se devem tratá-las, influenciam sobre a especificidade de cada tempo humano, e também na formação mental, ética, cultural e identitária. Isto reflete nos processos de socialização e aprendizagem que, por sua vez, influenciam na elaboração dos currículos.

A nova LDB/96 destaca a educação numa perspectiva que visa à formação e ao desenvolvimento humano pleno; leva as escolas a elaborarem currículos que se afastem da

visão de que os educandos devem ser formados para o mercado de trabalho; reconhece que cada aluno tem direito a formação plena de ser humano, cuja função cabe à gestão da escola, da docência e do currículo.

Além disso, Moreira (2002) afirma que os professores podem e devem recorrer aos estudos que vêm sendo desenvolvidos em nosso país sobre este assunto. Estão relacionados às reflexões sobre os documentos oficiais que dispõem sobre o tema, uma vez que são feitos em nosso território, cujas diretrizes mantêm relações entre currículo e conhecimento escolar.

3. Currículo na Escola Te-Arte

A Te-Arte é um tipo de escola onde há uma relação entre natureza e o trabalho e a interação entre crianças e adultos. Sua política educacional diz respeito às dimensões da experiência humana. De acordo com Carvalho (2009), a Escola Te-Arte foi criada e dirigida pela educadora capixaba Thereza Soares Pagani, sendo descrita no livro *De Volta ao Quintal Mágico*, da jornalista e professora da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP Dulcilia Shroeder Buitoni.

Um fator importante mencionado por Buitoni (2006) refere-se à relação entre adultos e crianças, a qual acontece de uma forma que reflete a filosofia a partir do princípio de convívio integrador. Segundo o livro *De volta ao Quintal Mágico: a educação infantil na Te-Arte*, trata-se de um lugar onde as possibilidades não são necessariamente intencionais, mas precisam ser descobertas, pois nele se aprende a tratar do próprio corpo, posto que a identidade passa a ser profundamente aliada à memória corporal. Há um estreito contato com a natureza, permitindo a liberdade e a espontaneidade com o intuito de conduzir as atividades sem a existência de turmas. A arte é o fundamento central de qualquer situação.

Para Buitoni (2006), a pedagogia na Te-Arte é fundamentada no brincar, não existindo qualquer idéia prévia de conteúdo e de qualquer forma de compartimentação dos conteúdos a serem trabalhados.

[...] a arte permeando tudo - uma arte multiforme, que passa pelo erudito, pelo culto, pelo artesanato e principalmente pela cultura popular- muita história sendo contada e representada, muita música, muito jogo, homens e mulheres professores, e inclusão de crianças portadores de deficiência. (BUITONI, 2006, p. 115)

Observa-se que a arte predomina em todas as atividades da Escola Te-Arte. No momento da música, por exemplo, as crianças são convidadas a se integrarem ao grupo. No entanto, aquelas que não querem participar, podem optar em ficarem contemplando a

natureza. Assim, a integração acontece através das atividades sem pré-estabelecimento. Respeita-se o momento de cada criança e, desta forma, as atividades têm enorme ligação umas com as outras.

A respeito da formulação do currículo na Te-Arte, Carvalho (2009) afirma que a arte em si é um elemento atrelado a tudo e serve para Educação Infantil como um aspecto que desenvolve não somente a mente, mas também a criatividade e a capacidade psicomotora.

Portanto, o currículo não é previamente idealizado. A Escola Te-Arte associa a arte com a natureza, trabalhos práticos, multiculturalidade e a interação entre adultos e crianças “[...] na Te-Arte, nunca se fez relatório escrito sobre atividades diárias das crianças. As coisas são faladas ao vivo, cara a cara. Estimula-se a autonomia e a responsabilidade pelo que se faz.” (BUIIONI, 2006, p. 66)

Porém, é necessário frisar que os instrutores são profissionais formados nas áreas de pedagogia, psicologia, fonoaudiologia e educação física, entre outras. A visão dos profissionais está focada em atividades que as crianças podem realizar, possibilitando que também brinquem e mantenham um contato com diversos tipos de formas artísticas. Os adultos trabalham com tudo que envolve a Educação Infantil, pois não existem divisões sociais dentro da Escola.

Convivência, cooperação: adultos e crianças num ambiente que facilita a aprendizagem corporal. Meninas e meninos de diferentes idades se construindo como pessoas. Emoção, sentimentos, arte: com terra, fogo, água e ar. Volto ao quintal mágico porque acredito que brincar é um direito da criança (BUIIONI, 2006, p.16)

Ressalta-se também que, nesta Escola, trabalha-se com crianças portadoras de Síndrome de Down e outras que apresentam diversos tipos de necessidades físicas ou mentais. Segundo Buitoni (2006, p. 16), “Ela praticava a inclusão quando tal atitude nem se chamava assim.” E isto é explicado pela própria educadora ao mencionar que trabalha com a inclusão, pois foi educada em um ambiente no qual isto já era propício.

De acordo com Carvalho (2009), mesmo que tenha um grau aparente de anarquia, a Escola Te-Arte também tem seus limites; e isto está circunscrito tanto nas atividades quanto no currículo oculto que, embora não exista, podemos identificá-lo através das características e da forma de seu gerenciamento pedagógico e de todos que nela trabalham. A educação é pautada na experiência. As crianças podem brincar com fogo, mas tem que respeitar os limites que aprendem no dia-a-dia e na convivência com os demais amigos. Ela também permite que a criança possa descobrir seu próprio risco, uma vez que esta última tem tempo para descobrir

os seus próprios limites, ou seja, os riscos que podem correr ao praticar qualquer tipo de atividade que envolva arte e brincadeira.

Segundo Buitoni (2006), isso acontece porque a criança na faixa etária dos 3 aos 6 anos de idade tem outra temporalidade. Além disso, na integração com os adultos e outras crianças, ela tem tempo necessário para escolher e misturar as idades. Os maiores ajudam os menores e, assim, as crianças desenvolvem, no espaço, uma grande consciência corporal, pois se encontram ao ar livre na maior parte do tempo.

Além disso, Buitoni (2006) afirma que a não-hierarquização das atividades na Te-Arte também faz parte do seu currículo. Como dito anteriormente, não é pré-estabelecido, pois se trata de uma pedagogia de caráter libertário que faz as crianças crescerem e conhecerem diversos tipos de arte, e até mesmo de elementos de diversas culturas, trabalhando com histórias brasileiras e de outros países.

Na Te-Arte os pais também ajudam, o que para Buitoni (2006, p. 22) trata-se de um trabalho sem interrupção, mas também é uma pedagogia que leva em consideração a inclusão e que planta a convivência, a cidadania e a democracia através do respeito mútuo e da não-hierarquização.

Uma pedagogia que traz uma profunda consciência ecológica, desde quando a ecologia ainda não estava tão presente na discussão política. Uma pedagogia na qual o brincar simples e a arte se confundem. A arte do brincar praticada em todos os momentos, seja observando um besouro, dançando um boi-bumbá com um famoso músico do Maranhão, desenhando com giz de cera, comendo uma trouxinha de salada, ouvindo um concerto de violino, jogando futebol, cuidando de um cabrito, olhando a fatia-estrela de uma carambola, seja cantando no aniversário do amigo...(BUITONI, 2006, p. 22)

Ante o exposto, é válido frisar que a Te-Arte é um espaço para brincar. Caso os pais queiram que seu filho se torne um intelectual aos dois anos de idade a Te-Arte não é viável para eles, pois não cumpre essa função. Por outro lado, se eles acreditarem que brincando a criança aprenderá e se deixará levar por este fator, entre os 6 ou 7 anos de idade ela parte para o conhecimento lógico com uma maior facilidade.

O termo “respeito” não permanece apenas no discurso. É uma prática sem que precise dizer ao outro. Além disso, a criança passa a ser mais presente nas atividades, pois na Te-Arte não se exige que ela faça “isto ou aquilo”. Visto que se trata de uma constituição interna, a criança vai se apropriando e aprendendo sobre os limites do espaço já que o terreno da Te-Arte é bastante acidentado.

O lúdico e o afetivo (relações de aceitação mútua entre adultos e crianças) bem trabalhados levarão a uma sociedade mais integrada e solidária. [...] o

desenvolvimento de uma criança – tanto como ser biológico quanto ser social – necessita do contato recorrente com a mãe e com adultos, que passem sempre uma sensação de acolhimento e de aceitação. (BUITONI, 2006, p. 30)

Mesmo que o currículo na Te-Arte não exista no papel, ainda assim pode-se subentender que ele está implícito na forma como a escola trabalha e também como os adultos exercem suas atividades. Isto é visível tanto no currículo explícito quanto no currículo oculto, pois se observa este último na forma como a escola é organizada e como seu trabalho se desenvolve.

Outro aspecto observado na pedagogia da Escola Te-Arte é que a construção da inteligência depende sempre da atividade lúdica. O brincar é uma condição fundamental da escola, uma vez que é necessário compreender e criar conhecimento e cultura. Segundo Buitoni (2006), o conhecimento científico inicia a partir da brincadeira, pois, caso a criança não brinque, provavelmente terá maiores dificuldades para se inserir no mundo escolar.

Assim, tanto Carvalho (2009) quanto Buitoni (2006) aceitam este tipo de educação, pois mesmo que não exista uma idéia prévia dos currículos ao realizar seu trabalho, o conteúdo é valorizado e elaborado com base na relação entre trabalho, natureza e arte.

Segundo Tyler (1975), neste tipo de educação, as atividades, em que se pode subentender a existência de um currículo, têm o objetivo de desenvolver a formação da personalidade da criança, além de valorizar a brincadeira como uma possibilidade para desenvolver a mente. A criança passa a ser um indivíduo bem mais dinâmico e prático, ou seja, no currículo da Te-Arte, a finalidade é deixar a mente, a afetividade e a autonomia da criança se desenvolverem.

4. Considerações Finais

Desde as duas últimas décadas do século XX e a primeira deste século, o currículo vem sendo bastante discutido, face a sua importância pedagógica dentro do espaço escolar para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem. É primordial, para as instituições escolares, que seja centrado no planejamento e nas ações a serem praticadas em sala de aula.

Assim, diante do que foi explanado, observa-se que o currículo é um importante elemento para a escola e retrata sua identidade social e cultural. Porém, na Te-Arte, a questão do currículo foge à regra, visto que não há uma idéia prévia de se trabalhar o conteúdo; além disso, não existe também a compartimentação das atividades, visto que são feitas de forma

livre e espontânea, voltadas para o desenvolvimento das práticas psicomotoras da criança, bem como da sua criatividade e inteligência prática.

É válido frisar que, neste trabalho, identificou-se na Te-Arte uma preocupação com relação à brincadeira, mas vista de uma forma simples que leva em conta a cultura de infância e que se destaca pela forma inovadora com a qual educa a criança. Através da brincadeira, da arte e do contato com a natureza, levam-se em conta os fatores sociais e culturais, tanto da sociedade em que vive quanto de outras culturas. Estes fatores devem ser observados através de uma forma livre e espontânea sem regras e atividades predefinidas.

Embora não haja uma definição de conteúdo prévio, observou-se que existe um currículo oculto, quando se trata da não-hierarquização e da questão das normas da escola relacionada à questão da diversidade cultural e das políticas de inclusão. Com relação à criação e aplicação do currículo na Escola Te-Arte, verifica-se que este permite que, através da brincadeira, da arte, da natureza e do trabalho, a criança desenvolva sua mente e sua capacidade psicomotora, respeitando uma atividade livre e de caráter espontâneo que é o brincar.

O lugar que o currículo ocupa na Te-Arte, através do desenvolvimento das atividades diárias, traz à tona a possível função social desta escola na sociedade em que vivemos. O foco não é fazer do projeto da escola uma vitrine. O importante não é se preocupar com quem faz o currículo, e sim o que o currículo nos faz. Produzimos o currículo e somos produzidos por ele. Currículos são escolhas.

Referências

APPLE, M. Conhecimento técnico, desajustamento e estado: a mercantilização da cultura. In: APPLE, M. **Educação e poder**. Porto alegre: Artes Médicas, 1989.

_____. Outro lado do currículo oculto: a cultura como experiência vivida. In: APPLE, M.. **Educação e Poder**. Porto alegre: Artes Médicas, 1989.

ARROYO. M. G. Indagações sobre currículo: **educandos e educadores: seus direitos e o currículo**. (Orgs) BEAUCHAMP, J. Brasília: Ministério de Educação, Secretaria da Educação Básica, 2008.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 24 dez. 1996. Disponível em: <<http://www.portal.mec.gov.br>>>. Acesso em: 25 jan. 2009.

BUITONI. D. S. **De volta ao quintal mágico: a educação infantil na Te-Arte**. São Paulo: Àgora, 2006.

CARVALHO, C. **Escolas quintais: Te-Arte.** Disponível em:<<http://www.quintarola.blogspot.com/.../da-serie-escolas-quintais.html>> Acesso em: 27 jan. 2010.

TYLER, Ralph W. **Princípios básicos de currículo e ensino.** Porto Alegre: Globo, 1975.

MOREIRA, A. F. B.; CANDAU, V. M.. **Indagações sobre currículo: currículo e cultura.** (Orgs) BEAUCHAMP, J. Brasília: Ministério de Educação, Secretaria da Educação Básica, 2008.

MOREIRA, A. F. B. **Currículo, diferença cultural e diálogo.** Cadernos de Educação, n 13, p. 19-34, 1999.

SANTOMÉ T. J. As culturas silenciadas no currículo. In: SILVA, T.T. (Org) **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação.** Petrópolis: Vozes, 1995.

SILVA, T. T. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo.** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.